

A Poesia de Júlio Guimarães – Bosquejo de Memória

JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES – cofundador da ASL, Cadeira nº 11

Júlio Alfredo Guimarães nasceu em Salvador da Bahia, a 3 de agosto de 1913, filho do Dr. José Alfredo Guimarães, juiz de Direito, e de D. Júlia Coelho Guimarães. Curvou o tradicional educandário baiano Ginásio Carneiro Ribeiro, bacharelado-se em Ciências e Letras. Militar. Permaneceu no Exército durante 25 anos, passando para a reserva em 1964, no posto de coronel. Faleceu no ano de 2005.

Ocupou a Cadeira nº 12 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). Escreveu, inicialmente: “Refúgio D’Alma”, poesias, 1970, prefácio de Leal de Queiroz, da ASL, impresso na Tipografia Jornal do Comércio de Campo Grande; “Mensagens de Amor e Paz”, poesias, 1978, Ed. Pedro de Alcântara Ltda., capa de Flávio Taveira. Posteriormente, preparou e publicou, entre outras, as obras, “Máximas em Versos” e os livros de crônicas “Perfil de uma Mulher” e “Dinheiro, Deus ou Demônio”; e a aclamada “Biografia de Rondon”.

Em “Refúgio d’Alma”, a produção mais expressiva é, sem dúvida alguma, o poema “Sonhando”, que o poeta Júlio Alfredo Guimarães, sendo também exímio declamador, gostava de recitar em festas e solenidades. Não obstante seja a maioria dos versos do poeta filiado ao modelo tradicional, inúmeras com-



Júlio Guimarães

posições suas seguem os ditames da escola modernista, em que predominam os versos brancos, de que é exemplo o poema “Canção do Silêncio”.

Amante da boa música de seresta, da poe-

“Amante da boa música, da poesia e da literatura [...], autografou, na sede da ASL, o seu último livro: uma antologia poética e em prosa”

sia e da literatura, já vivendo os derradeiros dias de uma vibrante existência, em cadeira de rodas e com sondas pendentes, nosso Poeta Patriota autografou em Campo Grande, na sede da ASL, o seu último livro – “O Livro das Mães” –, uma antologia poética e em prosa, com textos seus e de outros autores, em cujo prefácio ele afirma:

“Querendo prestar uma singela homenagem a essa figura excelsa de MÃE, difundir a literatura, beneficiar a criança pobre com a renda deste modesto trabalho e, acima de tudo, levantar nossa voz em defesa da Família, cuja mola mestra é sem dúvida a Mãe, é que nos propusemos a reunir as mais belas páginas de que temos conhecimento sobre o tema, na literatura Pátria e Universal, em prosa e verso, e doar a referida obra a uma das associações a que tenho a satisfação e a honra de pertencer: a Maçonaria [...]”

Fazenda Estrela: um sonho que nunca acaba

AMÉRICO CALHEIROS – Cadeira nº 7 da ASL

Oranger das rodas do carro de boi, monócórdio e preguiçoso, transportava minha expectativa de criança em férias àquele ímpar paraíso natural. Os deztoito quilômetros que separavam Nioaque da Fazenda Estrela valiam uma eternidade. No caminho, seriemas esguias e pesadonas emas, em corrida pelo capinzal, acompanhavam o desempenho do velho carro e o movimento curioso dos meus olhos-meninos. Quando a estrela aparecia na sua humilde exuberância, deitada aos pés da Serra de Maracaju, escondida nas furnas, ela brilhava serena e o meu coração saía pela boca. O verde totalmente verde que circundava a fazenda era feito de aroeiras, cerejeiras e bálsamos, pura lei natural, e mais centenas de coqueiros típicos daquela área onde, em destacada majestade, saltavam à visão e aos sentidos os excessivos buritis.

O tempo na Estrela era feito de puro prazer. O alvoroço das galinhas-d’angola, das galinhas caipiras, das garnisés, dos perus e patos mesclava-se à ensurdecadora revoada dos papagaios, periquitos, ardentes gritos das araras-azuis e outras multicoloridas. Tudo depois se calava ante a sinfonia magistral dos tantos pássaros da região. Assim era o despertar na Estrela. Nos currais, o leite jorrava das tetas fartas das vacas passivas, enquanto touros ferozes disputavam a supremacia do pedaço em quase-brigas. O ritual incluía, logo a seguir: devorar, literalmente, um quebra-torto que, como repasto que misturava todas as sobras de comida do dia anterior, mais parecia um almoço da cidade. Isso tudo à beira do fogão de lenha adquiriria maior sabor.

A “fartanza” estava presente nos paióis, que explodiam com tanta produção caseira: banha de porco, queijo, requeijão, doce de leite, rapadura para todos os gostos, arroz, feijão, linguiça, carne de sol e outros gêneros que asseguravam a subsistência naquele rincão. Toda circunvizinhança sabia que a Fazenda Estrela era uma das únicas

que se sustentava com a própria produção. Era um oásis independente em fertilidade e em abundância naquelas plagas. Em seu pomar, laranjas de todas as qualidades, bananas maduras nos pés, mamão, melão, fruta de jambo e melancias imensas, que brincavam de esconde-esconde embaixo das ramas, disputavam espaço com abóboras e morangas, quase invadindo os canaviais, que geravam produtiva cana-de-açúcar.

Durante o dia, andar a cavalo e descobrir os mistérios do matagal era o melhor programa. O banho no Córrego Buritizal, quase um rio, ladeado de tantos buritis e aonde antas, capivaras, quatis, tatus e veados vinham saciar sua sede, servia também de morada para uma sucuri gulosa que gostava de engolir bezerro novo e ficar se saciando por longo tempo com o bicho na barriga. Nas noites cheias de segredo, tendo como testemunhas apenas os grilos, a lua e as estrelas, os donos daquele imenso reduto de paz, Seu João Leão e D. Paulina, que souberam com retidão e singleza educar seus doze filhos, descansavam da lida diária e abriam espaço para as estórias fantásticas: algumas de assombração e outras de onças-pintadas que atemorizavam, volta e meia, aquelas paragens, devorando o gado e sumindo no nada.

As músicas da moda que pairavam no infinito daquelas furnas, fazendo o coração da Estrela pensar no amor e em seus desatinos, eram as da dupla sertaneja Délio e Delinha, freguesa daqueles recantos todos por onde passava, a convite dos fazendeiros, cantando e reinventando, na viola, as estórias da vida. Nas réstias das memórias de minha infância, onde o caldo de tantos sonhos permanece intacto, um em especial sempre entra em ebulição, trazendo recordações: o das idas à Fazenda Estrela.

Hoje nem sei mais dela e do que o progresso aprontou com sua beleza; porém, no mágico mundo das lembranças, em que tudo tem grandeza imensurável, a Fazenda Estrela ainda brilha na minha mente como um sonho bem maior que a realidade. Nos meus sentidos, ela brilhará para sempre.

Reviro

HELIO SEREJO (1912-2007) – pertenceu à ASL

Comidita de várias iguarias, misturadas com o resto do tambuí – do dia ou do anterior. Se a mistura é feita somente de milho e feijão, o grude tem o nome de cajarê-comandá. Se azedou pelo excesso de calor, fica sendo yacaru-yvai.

Quando está dura mesmo de engolir, o homem do erval, no seu apurado espírito satírico, lhe dá o nome de yaguá-tambuí; mas, fazendo cara feia, manda-a para o bucho, porque sabe que para llorar hay tiempo, e, o que no hay mimo, é tempo para se perder.

Deglutina tudo, avidamente, sorve longos goles de água, apanha o machete filoso e, pegando o pique estreito da mata, marcha para as erveiras, em busca do tini.

O reviro, comida dormida ou não, é o verdadeiro alimento da raça primitiva. A combinação de vários elementos torna-o forte e substancial. Se lhe agrega um “poquito” de palmito, então, a coisa fica macanuda de verdade, e o homem, assim alimentado, resiste à brabeza da luta, até as horas do anoitecer.

Com um simples guaicuru, e num sapuaitê, tudo fica pronto e o kuimbaé está listo para ir namorar e se envaidecer com a caá-

guara. No reviro, como, também, no lôcro, nós encontramos, sempre, a rude alma nativa e o perfil gauchesco dos bravos peões de todas as ranchadas ervateiras e das estâncias crioulas, que enfeitam o gigantesco palco da natureza sábia e caprichosa.

Mas o peão da fronteira, que também arranha o guarani, sabe que reviro-cunhá, significa, na linguagem brejeira dos ervais: misturar-se com a mulher, “juntar os baixeiros” com ela, para uma noite de carícia e amor! E é esse o reviro que ele mais aprecia quando sai para farrear um pouco e joga para um canto o facão guaçu e o laço Pará, bem trançado...

+POESIAS

A vida sozinho

Perdi Drummond, Plínio Marcos, Nelson Rodrigues, John Lennon, Sartre e Picasso, Truffaut e Fellini. Perdi Tom, Cartola, Vinícius. João Saldanha, Garrincha e Didi. Perdi Elis. Entre outros. Que se foram ou ainda vão. Todos me ensinaram coisas, me fizeram rir ou chorar, aprender emoções. Perdi outros amigos outras referências. É perder e entender que temos de continuar a vida sozinhos. E caber dentro dela.

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

Sem compromisso

Paixão sem compromisso é gota de orvalho num raio de luz. Inunda a vida de alegria e por apenas um momento encanta e seduz.

Palavras frias artificiais sem raízes. Promessas vazias nada mais.

Logo a paixão se dilui e leva o encanto fugaz. Tal qual beijo do sol no orvalho da manhã paixão assim se desfaz.

ILEIDES MULHER

Na enseada de Botafogo

Como estou só: Afago casas tortas, Falo com o mar na rua suja... Nu e liberto levo o vento No ombro de losangos amarelos. Ser menino aos trinta anos, que desgraça Nesta borda de mar de Botafogo! Que vontade de chorar pelos mendigos! Que vontade de voltar para a fazenda! Por que deixam um menino que é do mato Amar o mar com tanta violência?

MANOEL DE BARROS

Haikais

Os lábios quentes e teus beijos ardentes só falam de amor.

Insone, triste e só, acaricio lençóis que a ela cobriram.

Vento vai, vento vem... só meu bem vai e não mais vem... por que se foi e não vem?

J. BARBOSA RODRIGUES

Microtexto

Era boi sem eira nem beira De repente boi bandeira A bovinocultura ganha arte E o artista seu avatar...

HUMBERTO ESPÍNDOLA

Ciclone

Estamos no centro do ciclone, Girando No redemoinho. No centro do ciclone, Perturbados, Correndo na velocidade do vento. No centro do ciclone, Numa atmosfera de pânico, Explodindo de pressão.

RAQUEL NAVEIRA